



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: inglês.]

Meditação

Quarta-feira, 7 de outubro de 2026

Rev. Ir. Helen Alford, O.P.

Introdução

No centro da sua *Mensagem* de 19 de março, que nos reuniu hoje, o Papa Leão exorta-nos a «servir a missão de proclamar o Evangelho da família às novas gerações». Gostaria, por isso, de iniciar estas reflexões com uma pequena história verdadeira, que me foi contada por um pároco aqui em Roma e que poderá ilustrar, de algum modo, o «Evangelho da Família».

Certa tarde, uma mãe e um pai caminhavam com o seu filho pelas margens do Lago Trasimeno, que não fica longe de Assis, a terra do *Poverello*, cujo 800.º aniversário da morte temos a alegria de celebrar nestes dias. Os dois pais tinham pensado que deveriam começar a falar com o seu pequeno filho sobre Deus. Assim, olhando para o céu ao entardecer, começaram a conversar com ele.

«Quem achas que está lá em cima, nos céus?», perguntaram. Ele pensou um pouco e depois respondeu: «Os pássaros». «Sim, sim», responderam eles, «mas quem mais?». Ele pensou um pouco mais e depois disse: «O sol», seguido de «a lua» e «as estrelas», enquanto os pais continuavam a incentivá-lo a dar mais respostas. Por fim, disseram-lhe: «Mas não achas que Deus também está nos céus?», ao que ele respondeu, com toda a firmeza: «Oh, não, não – Deus está aqui, connosco».

Talvez possamos ver aqui um exemplo das novas gerações a proclamarem-nos o Evangelho da Família!

Proclamar o Evangelho da Família e para a Família

Um pouco mais adiante, na mesma *Mensagem* que acabámos de citar, o Papa Leão exorta-nos «a proceder, na escuta mútua, para um discernimento sinodal sobre os passos a dar para proclamar hoje o Evangelho às famílias». Neste encontro, somos, portanto, chamados a proclamar o Evangelho tanto da família como às famílias.

Paremos por um momento a refletir sobre este ponto. Isto implica que a família é parte integrante da proclamação do Evangelho. A família proclama ativamente o Evangelho e, ao mesmo tempo, precisa de receber a proclamação do Evangelho. Quantos de nós aqui presentes recebemos pela primeira vez a Boa Nova proclamada por Cristo através das nossas famílias? Eu sei que foi assim comigo. O Papa Francisco descreve a poderosa irradiação espiritual e social que a vida familiar pode exercer sobre o mundo que a rodeia, proclamando verdadeiramente o Evangelho: «Quando uma família é acolhedora e sai ao encontro dos outros, especialmente dos pobres e abandonados, é “símbolo, testemunho e

participante da maternidade da Igreja”. O amor social, como reflexo da Trindade, é o que verdadeiramente unifica o sentido espiritual da família e a sua missão para com os outros, pois torna presente o kerigma com todas as suas exigências comunitárias. A família vive a sua espiritualidade precisamente ao ser, simultaneamente, uma Igreja doméstica e uma célula vital para transformar o mundo» (AL 324).

Ao mesmo tempo, muitas famílias em situações de sofrimento e necessidade poderiam encontrar uma grande ajuda para enfrentar as suas provações ao ouvirem a Boa Nova que lhes é proclamada, recebendo a nova perspectiva que o Evangelho nos oferece sobre a vida e, desse modo, a graça dos sacramentos. As próprias tensões, dificuldades e feridas da vida familiar podem ser suportadas com maior fortaleza e com a esperança de que possam ser superadas, unindo-as aos sofrimentos de Cristo. Como diz o Papa Francisco: «Nas horas mais sombrias da vida de uma família, a união com Jesus no seu abandono pode ajudar a evitar uma rutura» (AL 317).

O Papa Leão oferece-nos ainda uma ajuda para refletirmos sobre o Evangelho da Família e para a Família quando afirma na sua *Mensagem*: «devemos aprender a evocar a beleza da vocação ao matrimónio precisamente no reconhecimento da fragilidade, para despertar novamente a “confiança na graça de Deus” (AL 36) e o desejo cristão de santidade». A beleza da vocação ao matrimónio encontra-se através da sua fragilidade, com ela e nela, sobretudo porque a fraqueza pode despertar novamente a confiança em Deus, e a confiança em Deus desperta o desejo de santidade.

Em poucas palavras, este é o Evangelho da família e para a família de que estamos a falar.

Jesus encontra a mulher samaritana

A beleza e a fragilidade coexistem, portanto, no Evangelho da família que somos chamados a proclamar às novas gerações, tal como acontece no Evangelho de João, onde Jesus encontra a mulher samaritana. Neste encontro extraordinário, no momento mais quente do dia, Jesus pede de beber a uma mulher que veio a um poço. Se ela não se encontrasse numa situação familiar frágil e irregular, como mais tarde se confirma, não estaria ali, e este encontro nunca teria acontecido. Teria vindo numa hora mais fresca do dia, juntamente com as outras mulheres. Do mesmo modo, Jesus, enquanto homem e judeu, não deveria estar a falar com ela. Tendo em conta o contexto geográfico e social, qualquer homem judeu normal saberia que ela era samaritana e, quase certamente, uma mulher de má reputação.

Contudo, Jesus pede-lhe de beber, desencadeando uma extraordinária sequência de acontecimentos, na qual Jesus afirma abertamente, pela primeira vez no Evangelho de João, que é o Messias, e que termina com a mulher, cujo nome não conhecemos, a tornar-se não só a primeira evangelizadora pública, mas também, apesar da sua má reputação e talvez precisamente por causa dela, uma evangelizadora muito eficaz. Dificilmente poderíamos imaginar uma história mais ligada à proclamação do Evangelho a uma pessoa e através de uma pessoa numa situação familiar frágil, com toda a beleza que esta história contém.

Um dos meus irmãos dominicanos apresenta esta história como o modelo ou paradigma fundamental da evangelização para a Igreja¹. Identifica nela quatro etapas, defendendo que todas são importantes e que também é importante a sua ordem.

¹ The following discussion of this text from the Gospel of John is based on pages 208-211 of the following publication: H. Alford and M. Paluch (2026), “Journeying to the Source. A Global Vision of Evangelization”, in P. Ackerman et al (eds), *Religion, Society and Secularization*, Proceedings of the 15th International Conference of the Verbiest Institute KU Leuven, Ferdinand Verbiest Institute for Sino-Mongol Studies, KU Leuven, pp. 201-215.

De forma um tanto provocadora (mas penso que é uma provocação útil), chama à primeira etapa «namoriscar» – uma conversa entre uma mulher e um homem que estão ambos sós. Jesus toma a iniciativa da conversa e transforma-a gradualmente, através das suas perguntas, numa reflexão sobre a felicidade e a realização humanas. Durante muito tempo, porém, permanece a ambiguidade – fica-se com a impressão de que as mesmas palavras significam coisas diferentes para Jesus e para a mulher samaritana. Só quando a mulher samaritana parece estar «conquistada» por Jesus, isto é, quando lhe diz: «Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede e não precise de vir aqui buscá-la» (Jo 4,15), é que Jesus inicia a segunda etapa, que Paluch chama «o confronto da mulher samaritana com a verdade». Jesus diz: «Vai chamar o teu marido [...] e volta aqui»; ela responde, honestamente: «Não tenho marido», ao que ele replica: «Tens razão ao dizer: “Não tenho marido”, pois tiveste cinco maridos, e o que tens agora não é teu marido» (Jo 4,16-18). Paluch diz desta segunda etapa: «através desta dolorosa operação, a mulher samaritana começa lentamente a compreender que o homem que encontrou não é de modo algum como os outros, que desta vez, ao contrário do que poderia ter parecido no início, este homem não está simplesmente a namoriscar», pois agora ela lhe diz: «Vejo que és um profeta, Senhor» (Jo 4,19). Isto conduz então à terceira etapa – uma breve catequese –, uma conversa sobre o verdadeiro culto que leva Jesus a revelar a sua identidade. Ela diz-lhe: «Eu sei que vem o Messias – isto é, o Cristo»; ao que ele responde: «Eu sou, eu que estou a falar contigo» (Jo 4,25-26). Toda a história é assim coroada pela quarta etapa – o regresso da mulher à aldeia de onde veio, onde se sente impelida a partilhar com os outros habitantes aquilo que lhe aconteceu, e é-nos dito: «Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele por causa do testemunho da mulher» (Jo 4,39).

Dissemos que as etapas e a sua ordem são importantes. Primeiro, há o encontro. Jesus pede-lhe ajuda mas, como a sua pergunta a deixa perplexa e a leva a querer fazer-lhe perguntas, ele responde de bom grado e, desse modo, desperta nela o desejo de saber mais. A primeira etapa da evangelização, segundo este modelo, consiste, portanto, em despertar o desejo naqueles que nos escutam. Depois vem a fase que gostaríamos de evitar: confrontar-nos com a fragilidade e a fraqueza do nosso interlocutor, uma vez que também nós sabemos quanto precisamos da misericórdia de Deus. Contudo, segundo este modelo, é necessário fazê-lo, não para condenar, mas para tornar o encontro mais real e o desejo de ajuda mais insistente. Só então somos chamados, neste modelo, a partilhar aquilo que temos para ensinar. E, finalmente, a pessoa evangelizada deve sair para partilhar com os outros aquilo que recebeu. Este modelo de evangelização só chega à sua conclusão nesta fase, e não com a catequese.

Podemos obter ainda mais luz deste texto do Evangelho se o olharmos de outra maneira, utilizando o «olhar» de Jesus. Esta é uma ideia muito querida do Papa Francisco, que a utiliza em muitos lugares, incluindo no final do capítulo sobre a Teologia da Criação em *Laudato si'*. Em primeiro lugar, o olhar de Jesus coloca-nos em relação com Deus Pai, para quem somos muito importantes, como atesta esta passagem do Evangelho de Mateus: «Olhai para as aves do céu. Não semeiam nem ceifam, nem recolhem em celeiros; contudo, o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós muito mais do que elas?» (Mt 6,26-27). Com a sua primeira pergunta, Jesus transforma a mulher samaritana solitária — que, naquele momento, se dirige ao poço para evitar todas as outras pessoas — numa pessoa com quem vale a pena conversar e em alguém digna de confiança, ao pedir-lhe ajuda. Ao ajudá-la a recuperar o sentido da sua própria importância, ele abre-lhe a possibilidade de que ela possa ser verdadeiramente amada por Deus, o seu Pai. Em segundo lugar, o olhar de Jesus valoriza o mundo quotidiano que nos rodeia, reconhecendo a sua beleza e maravilha. Ao ouvi-la, ao responder às suas perguntas e ao conduzi-la gradualmente a uma nova compreensão, Jesus mostra que este encontro comum e quotidiano com esta mulher comum e frágil pode estar repleto de beleza e maravilha. Em terceiro lugar, no seu olhar, Jesus abraça o mundo como a sua criação, mas, através da Encarnação,

também o abraça como seu Redentor. No seu encontro com esta mulher, Jesus vê-a na sua realidade criada plena, com todas as suas imperfeições, mas oferece-lhe também a Boa Nova e a promessa da vida nova que esta traz. Finalmente, no seu olhar, Jesus vê um mundo que vai entregar ao seu Pai no fim dos tempos, «para que Deus seja tudo em todos» (1 Cor 15,28). No seu olhar sobre esta mulher, chama-a a aguardar com expectativa a plena manifestação do Reino de Deus.

Se pensarmos nestas quatro dimensões do olhar de Jesus, podemos observar que todas elas nos conduzem a relações novas ou aprofundadas: uma relação nova ou aprofundada com Deus Pai, com o mundo quotidiano, com a criação e a redenção, e com os novos céus e a nova terra que um dia hão de chegar.

Este olhar «relacional» de Jesus é altamente significativo, porque, para «ver» as relações, temos de as procurar. Não «vemos» as relações em si mesmas, como vemos objetos físicos, e, contudo, elas estão realmente presentes. São como o ar que respiramos – o ar também está realmente presente, mas não o vemos. São como um vírus que está realmente presente, mas que não vemos a não ser que tenhamos a ajuda de um instrumento altamente especializado, como um microscópio eletrónico. Estas coisas são invisíveis para nós, mas são reais. O «olhar relacional» permite que as nossas relações, de outro modo ocultas, se tornem visíveis, o que é de importância fundamental para a família, pois a realidade social humana, e a família em primeiro lugar, é constituída por relações. No mundo altamente instável em que vivemos hoje, se queremos ajudar os jovens a ter a coragem de entrar no matrimónio e dar-lhes a capacidade de enfrentar as dificuldades que irão encontrar, precisarão de «ver» as suas relações e de pensar no seu matrimónio e na sua vida familiar de forma relacional. Isto não nos deveria surpreender, dada a enorme importância da relação na teologia trinitária e o facto de nos ser dito no Génesis que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus.

Familiaris Consortio e Amoris Laetitia

O Papa Francisco menciona a mulher samaritana quatro vezes em *Amoris Laetitia*. Em *Familiaris consortio*, a outra grande exortação apostólica pós-conciliar sobre a família, o Papa João Paulo II não a menciona diretamente, mas faz referência a partes do diálogo entre Jesus e ela (FC 39). É significativo que, na *Mensagem* a que acabámos de nos referir, o Papa Leão apresente ambas as exortações como tendo «fortalecido o compromisso doutrinal e pastoral da Igreja ao serviço dos jovens, dos casais e das famílias».

Uma das ideias que liga os dois documentos é a da «lei da gradualidade», proposta pelo Papa João Paulo II em *Familiaris consortio* e retomada pelo Papa Francisco em *Amoris Laetitia*: «São João Paulo II propôs a chamada “lei da gradualidade”, consciente de que o ser humano “conhece, ama e realiza o bem moral segundo diversas etapas de crescimento” (FC 34). Não se trata de uma “gradualidade da lei”, mas de uma gradualidade no exercício prudencial dos atos livres por parte de sujeitos que não estão em condições de compreender, apreciar ou cumprir plenamente as exigências objetivas da lei. Pois a lei é, em si mesma, um dom de Deus que indica o caminho, um dom para todos sem exceção; pode ser seguida com a ajuda da graça» (AL 295). Em ambos os textos, portanto, os dois Papas procuram manter o ideal, a «lei [que] é um dom de Deus que indica o caminho», reconhecendo ao mesmo tempo que muitos não são capazes de «compreender, apreciar ou [...] cumprir plenamente as exigências objetivas da lei». Trinta e cinco anos separam os dois documentos, durante os quais a situação concreta da vida familiar cristã passou por muitos novos desenvolvimentos. Tal como acontece noutros casos, como no ensinamento social da Igreja, quando as situações sociais são turbulentas e mudam rapidamente, pode ser necessário encontrar novas formas de conjugar tanto as «exigências objetivas da lei» (AL 295) como a «lei da gradualidade» (FC 34), que muitos experimentam ao tentar entrar nesse caminho. Tanto *Familiaris consortio* como *Amoris Laetitia* procuram fazê-lo nos seus diferentes contextos históricos.

Não esqueçamos que São Tomás de Aquino e toda a tradição que remonta a ele diriam que a Lei de Deus encontra a sua expressão máxima na Nova Lei, a Lei do Evangelho: a Graça de Jesus. Neste sentido, o último capítulo de *Amoris Laetitia*, que se centra na espiritualidade do matrimónio, «uma espiritualidade da comunhão sobrenatural», é tão significativo, porque coloca o matrimónio no âmbito do chamamento à santidade, que é o objetivo de toda a vida cristã.

Conclusão

Podemos terminar onde começámos, com o apelo do Papa Leão para que encontremos formas de «servir a missão de proclamar o Evangelho da família às novas gerações».

Procuremos formas de encorajar os jovens a aceitar o grande desafio do matrimónio e da vida familiar, abraçando-o com plena consciência de que experimentarão uma grande fragilidade como parte do processo de realizar a sua beleza e de que, nessa fragilidade, encontrarão fontes novas e inesperadas da graça de Deus e experimentarão um desejo de santidade que é verdadeiramente seu.

Unamo-nos a Jesus para os exortar a enfrentar o desafio — tal como Jesus exortou a mulher samaritana — de proclamar o Evangelho aos outros, precisamente ao reconhecerem a sua fragilidade, de modo a convidarem outros a juntarem-se a eles na confiança na graça de Deus e na vivência do anelo cristão pela santidade.

E escutemos o apelo que recebemos da criança no início, que nos lembra de não procurarmos Deus noutro lugar, mas de reconhecermos a sua presença na nossa vida familiar, tão comum e quotidiana. Concluamos com algumas perguntas que nos possam ajudar a entrar nas reflexões partilhadas dos próximos dias:

Onde e como podemos reconhecer Deus já a agir na vida das famílias?

O que podemos aprender com as famílias, na sua beleza e na sua fragilidade?

Como podemos proclamar o Evangelho não apenas às famílias, mas também com elas, encorajando-as a proclamar ativamente o Evangelho da família?